

## **CORPOS POÉTICOS, CORPOS POLÍTICOS: A POESIA PERFORMATIZADA NOS SLAMSI**

Lilian Lemos Menegaro; Luciana Paiva Coronel (Orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande (FURG); menegarolilian@gmail.com

**Resumo:** Nos *slams* a poesia se materializa em atos performáticos que envolvem a palavra, a voz e o corpo. O objetivo deste trabalho é analisar a integração desses três elementos, destacando a presença do corpo na composição dos poemas e sua implicação na produção de sentidos, considerando os significados que emergem diante da temática abordada. Por meio dessa prática poética as significações socialmente construídas que tornam homossexuais, mulheres, negros e moradores da periferia sujeitos subalternizados e estigmatizados pelas atribuições negativas e opressoras sobre seus corpos são concomitantemente reconhecidas e refutadas, configurando um caráter de resistência. Surge nessas competições de poesia uma produção literária marcada pela poética que se configura através da presença do corpo como elemento estético e semiótico.

**Palavras-chave:** *slam*, poesia, corpo, performance, poética política.

A prática de recitar poesia faz parte da história da humanidade desde os primórdios. Na contemporaneidade, os *slams* são espaços nos quais essa prática é revitalizada tanto pelo formato de competição quanto pela construção poética, uma vez que a composição dos poemas acontece na integração de linguagem verbal e corporal. Nessas batalhas de poesia falada, que acontecem prioritariamente em espaços públicos abertos, o corpo, a palavra e a voz são elementos constituintes dos textos, que se materializam em atos performáticos. A relevância desses elementos na composição dos poemas acentua-se principalmente porque a poesia enunciada nesses eventos culturais é dotada de um significativo teor político, que abrange especificidades de temas como homofobia, machismo e racismo.

A simbólica ocupação e a intervenção nesses espaços confere ao enunciar performático da poesia a configuração de um ato de resistência contra opressões e preconceitos. As batalhas divulgadas na internet, em páginas como Youtube e Facebook, mostram que grande parte dos *slammers* (como são chamados os poetas que participam das batalhas) são negros e mulheres, que em sua maioria declaram ser moradores de bairros periféricos. Deste modo, poeta, temática e performance são elementos que se inter-relacionam, compondo os poemas. Minchillo (2017, p.6) sugere que os elementos políticos são intrínsecos à dinâmica do movimento, caracterizando os *slams* como locais que agregam “sujeitos heterogêneos que compartilham, em diferentes graus e arranjos, certas marcas

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado que será defendida no PPGLetras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – área de concentração em História da Literatura.

sociais (...) e uma mesma percepção de serem objeto de marginalização, opressão e estigmatização”. São ambientes nos quais se consolidam laços de identidade e comunitários com posturas políticas, que se formam a partir de uma linguagem específica, assim, constituem-se como “locais de troca e de aprendizagem, onde se define e se divulga um campo vocabular, códigos gestuais e dispositivos retóricos da performance poética; onde se convencionam tons discursivos (...)” (MINCHILLO, 2017, p. 6).

O corpo é o meio através do qual a performance se materializa, ele é, portanto, parte do poema. Para os competidores das batalhas de poesia falada, o ser *slammer* vai além do ser poeta justamente porque a performance exige a presença corpórea do autor para que o poema se efetive. O corpo é poético porque faz parte da composição do poema, configurando uma estética própria dessa produção literária que acontece na retomada do espaço público. É também político porque poetas/*slammers* mulheres, brancas e negras, e homens negros, majoritariamente moradores de periferia, assumem um protagonismo outrora negado a eles, que constituem grupos historicamente oprimidos e subjugados.

As ações de opressão ocorrem basicamente a partir do controle e da submissão dos corpos, pois estes são o meio através do qual os sujeitos se colocam no mundo. Nos *slams*, pessoas marginalizadas socialmente, por diferentes fatores e marcas que constituem sua subjetividade, passaram a conceber a produção cultural como meio de subversão e deslocamentos que possibilitam enfrentar as diferentes formas de disciplinarização violenta sobre seus corpos. Participar das batalhas tornou-se uma forma de romper o silêncio usando o corpo como meio de expressão e renúncia às imposições que visam o controle e a domesticação, principalmente no caso das mulheres. A poesia está na performance, que só acontece com o uso do corpo e da voz, ou seja, esses sujeitos potencializam o seu dizer através de uma ação poética comprometida em reivindicar uma revisão da história, saindo dos espaços periféricos e tomando o centro.

Sendo assim, a performance é um elemento central nessa nova configuração de produção e socialização de poemas. A enunciação dos poemas agrega elementos ao processo de significação que escapam à escrita, como o olhar, a entonação, os gestos e demais elementos da linguagem corporal que caracterizam uma poética da oralidade. Não é possível ler o texto poético sem deixar de considerar os elementos que o fazem performático. O crítico Paul Zumthor (1997) propôs-se a analisar o que chamou de “poética da oralidade”, de acordo com seus estudos, essa poética constitui-se como um fenômeno que não está centrado

diretamente na emissão sonora, pois abrange caracteres fundamentais como o ambiente e o corpo, que molda a presença do sujeito na ação e produz sentido.

O crítico parte da compreensão de que a poética da oralidade só se efetiva através da performance. Mesmo que a poesia nos *slams* não possa ser definida exclusivamente como oral, pois comumente os poemas são concebidos na escrita, a compreensão de poética da oralidade desenvolvida por Zumthor (1997) abrange elementos que são pertinentes para pensar também a oralização de poemas. A poesia oral acontece como performance, e esta reúne diversos elementos que fazem parte do momento da fala, dessa forma, são elementos que estão presentes também quando há oralização, que é o que majoritariamente acontece nos *slams*.

Zumthor (1997, p. 33) compreende performance como uma “ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida”. A concretização desta ação requer um locutor e um destinatário (poeta e público), um texto (poema), as circunstâncias (espaço e tempo), o corpo e a voz. A poesia oral só acontece quando há a junção desses elementos constituintes da performance. No caso dos *slams* especificamente entendo que esses elementos que caracterizam a performance são também elementos que fazem parte do poema, portanto, uso o termo poema/performance. Nesses poemas, o discurso poético usa a “estrutura corporal” como elemento de composição e de significação. Os movimentos, os gestos, o olhar, a cor da pele, o cabelo, o gênero agem juntamente com a voz e a palavra na oralização dos poemas e conseqüentemente na produção de sentidos.

Quando um *slammer* negro enuncia seu poema em uma batalha e este apresenta como tema o racismo<sup>2</sup>, seu corpo passa a fazer parte da elaboração desse poema/performance, estará implicado na construção do texto e agindo na produção de sentido. O corpo do autor se coloca não só como suporte para a projeção do texto, mas como elemento que faz parte da construção desse texto e do processo de significação. A estrutura corporal apresenta-se, portanto, como elemento semiótico, considerando de forma imprescindível à voz e à palavra que emanam dela. Assim pode ocorrer também quando são enunciados poemas/performances que tratam do machismo e da homofobia. Além das marcas que são inerentes à constituição do ser como a cor da pele, em alguns casos os artefatos culturais como roupas e acessórios, que são marcadores sociais, também podem ser incluídos ao processo de significação.

---

<sup>2</sup> A título de exemplificação, ver o poema/performance de Warley Noua. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=4Wc543Cdr6c](http://www.youtube.com/watch?v=4Wc543Cdr6c).

Zumthor (1991) estabelece que a expressão “estruturação corporal” é mais adequada do que “estruturação vocal” para se referir à poesia que se enuncia oralmente, tendo em vista que a voz é um elemento estruturante essencial, mas emana de um corpo que faz parte da performance com toda a sua capacidade de percepção sensitiva.

A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar (...). Os movimentos do corpo são assim integrados a uma poética. Empiricamente constata-se (...) a admirável permanência da associação entre o gesto e o enunciado: um modelo gestual faz parte da "competência" do interprete e se projeta na performance (ZUMTHOR, 1997, p.203).

Portanto, embora os poemas enunciados nas batalhas sejam normalmente preconcebidos na escrita, no momento da performance ganham outra configuração e passam a significar de outra forma, pois agregam elementos que extrapolam a escrita. Na poesia oral, “cabe ao corpo modalizar o discurso, explicitar seu intento. O gesto gera no espaço a forma externa do poema. Ele funda sua unidade temporal, escandindo-a de suas recorrências” (ZUMTHOR, 1997, p. 207). A “estruturação corporal” exige a “presença do corpo”, fazendo com que os movimentos corpóreos sejam integrados a uma poética.

De acordo com Zumthor (2007, p. 78), “o corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso. O corpo dá a medida e as dimensões do mundo”. O autor afirma ainda que é pelo corpo que o sentido do texto poético é percebido, pois “o mundo tal como existe fora de mim não é em si mesmo intocável, ele é sempre, de maneira primordial da ordem do sensível: do visível, do audível, do tangível” (ZUMTHOR, 2007, p. 78). Há uma conjuntura corpórea própria da atitude e do ser do poeta que no momento da performance agrega elementos à constituição do poema falado. Os sentidos dos poemas performatizados são, simultaneamente, produzidos e apreendidos pelo corpo, considerando tanto a presença do poeta quanto a interação com o público. Por isso, NEVES (2017) considera que, nos *slams*, os poemas são “incorporados”, sendo que “corpo e voz, simultaneamente, dão o tom do espetáculo performático” (NEVES, 2017, p. 102).

A expressão criadora dos poetas/*slammers* passa pela experiência corpórea, pelo corpo como campo que cria sentidos não só pela ação na performance, mas por toda a carga social que pesa sobre ele ao não corresponder aos padrões diante das mais diversas características que configuram a normatividade. É comum que os poemas apresentem uma interseccionalidade que parece ser própria da forma como os

sujeitos sentem a opressão. No mesmo poema frequentemente convergem elementos relacionados a diferentes marcas identitárias vítimas da dominação e da discriminação como cor, gênero, classe e orientação sexual<sup>3</sup>.

A estrutura corporal através do qual o poema se materializa é situada no tempo e no espaço, nela estão implicados fatores de ordem histórica, cultural e biológica. Como campo de significação essa estrutura só pode ser compreendida se consideradas as referências que emergem do âmbito cultural, abrangendo as relações sociais, as interlocuções, assim como os tensionamentos e as contradições. As batalhas de poesia falada são espaços simbólicos nos quais as performances são realizadas por corpos que se inserem e dão forma a uma poética que não pode ser dissociada de aspectos socioculturais e de posicionamentos políticos.

O sujeito poético reconhece a subalternização, entende que seu corpo é subjugado e apodera-se da possibilidade do dizer para diante desse reconhecimento rechaçar o lugar de subalterno no qual foi colocado. Embora usem o corpo no fazer poético, esses sujeitos transcendem o subjetivo, o eu que se coloca no poema não é individualizado, ao contrário, trata-se de um eu comunitário, que se mostra prioritariamente na perspectiva do coletivo, considerando o pertencimento a um grupo do qual sua voz simboliza a representatividade. Ao performatizar, o *slammer* assume uma voz poética que ressoa outras vozes que compartilham a vivência de situações opressoras. Nesse sentido, as batalhas são também espaços de socialização e interação ocupados por esses corpos objetificados que resistem.

No jogo de construção performática do texto poético em que poema e poeta confundem-se em alguma instância, emerge uma voz poética que se posiciona politicamente como forma de revide, contestação e reivindicação. O sujeito fala, usando seu corpo como instrumento, a partir da posição de quem conhece as opressões e nesse momento ocupa esses espaços na tentativa de provocar fissuras no sistema, que instaura e reforça o poder dos grupos hegemônicos. Os *slams* são espaços nos quais as vozes subalternas se expressam, vindas de corpos que sofrem diferentes formas de violência. Performatizar textos literários, tendo a possibilidade de torna-los públicos por meio da própria voz, é uma forma de desestabilizar a lógica da estrutura hegemônica que se impõem violentamente sobre seus corpos.

Como é possível observar, o corpo que performatiza os poemas não pode ser dissociado do espaço sociocultural do qual o sujeito que por ele é constituído faz parte. Esses elementos que dão forma aos poemas nas batalhas são inerentes à construção do

---

<sup>3</sup> A performance da poeta e *slammer* Jade Fanny, disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=qn9nCRmMvCg>, é um exemplo dessa interseccionalidade.

poema/performance e intrínsecos aos poetas/*slammers*. A poética dos *slams* configura-se como uma das partes nas relações de poder – seja pela suposta e equivocada oposição dicotômica e polarizada entre centro e periferia e tudo o que ela representa, seja por aspectos mais específicos, porém de igual complexidade, como o padrão heteronormativo em oposição à homossexualidade, e o homem branco em oposição ao homem negro. Há uma cultura dominante que impõe socialmente uma definição e configuração de mundo de acordo com seus interesses (BOURDIEU, 2012), cultura essa contra a qual os *slams* posicionam-se em situação de enfrentamento. Todavia, a partir do pensamento de Hall (2006), é pertinente observar que essas performances poéticas que conclamam um discurso contra-hegemônico em um espaço de fala no campo cultural, não emergem de um grupo homogêneo e coeso.

Há um embate político e ideológico que marca uma contestação nesses territórios e através da poesia afirma um ‘nós’, lembrado que não é um “nós” homogêneo, em oposição a um outro, para desconstruir percepções equivocadas e atitudes violentamente opressoras. Este “outro” representa a estrutura de poder que instaura determinados padrões de como ser e estar no mundo, englobando aspectos como gênero, cor e classe em uma teia que envolve fatores econômicos, culturais, geográficos e étnico-raciais.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MINCHILLO, Carlos Cortez. *Slam: cartografia social e território poético*. Disponível em: <<http://www.cdc.fflch.usp.br/sites/cdc.fflch.usp.br/files/u98/Slam%20-cartografia%20social%20e%20territorio%CC%81rio%20poe%CC%81tico%20-%20Minchillo%20-%20marc%CC%A7o%202017.pdf>>. Acesso em: 8 de ago. 2017.
- NEVES, Cynthia Agra de Brito. *Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo*. Revista Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/134615/135272>>. Acesso em: 28 de out. 2017.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosacnaify, 2007.